

BRASIL (2): "VIRAMUNDO"

O cangaço ou a escola de samba e o futebol. Ao trabalhador não qualificado — analfabeto ou semi-alfabetizado, quer fique em sua roça ou venha para a cidade grande — se não se rebela e atrai para si automaticamente a repressão policial, resta conformar-se e superar seus problemas pelo misticismo, pelo fanatismo no futebol ou nas escolas de samba.

Os quatro documentários de *Brasil Verdade* procuram mostrar em que pé estão as coisas para os homens que vivem à margem do progresso industrial brasileiro. Seus realizadores vão em procura das razões do cangaço, do que existe no futebol fora dos estádios, nas escolas de samba fora da avenida, em São Paulo por trás do crescimento industrial.

Os depoimentos colhidos num dos episódios é um dado esclarecedor de uma outra parte do filme, de modo que os quatro documentários se interligam e se completam. E nesta ação constante que cada filme exerce sobre o outro uma das partes de *Brasil Verdade* se mostra mais ativa, uma espécie de núcleo, um dado imprescindível para a compreensão dos outros três filmes: *Viramundo*, de Geraldo Sarno.

Memória do Cangaço, parte de uma cuidadosa pesquisa em direção às razões do banditismo no sertão, ouve ex-cangaceiros para saber o que os levou ao cangaço: "Um negócio com uma moça minha irmã", diz o ex-cangaceiro *Labareda*, lavrador durante 16 anos em Pernambuco; "Perseguição da polícia", diz o ex-cangaceiro *Saracura*, também lavrador até que os policiais da volante arrancaram as unhas e as barbas de seu pai. Ouve também um velho comandante de volantes — o coronel José Rufino — contar como matava cangaceiros e cortava as suas cabeças "para tirar um retrato depois."

Subterrâneos de Futebol vai aos terrenos vazios onde as crianças sem escolas começam a se apaixonar pelo futebol, e acompanha os torcedores nas arquibancadas ou os jogadores no gramado dos grandes estádios: de um lado o operário que tem em média apenas 15 anos de trabalho para ganhar por toda a vida, de outro o operário que tira muito do seu magro salário para transferir para o seu clube a sua vida, para esquecer suas tristezas. E *Subterrâneos* se encerra com uma expressiva entrevista de um torcedor do Santos ao fim do campeonato de 64: "Santos, eu vivi com você, Santos", ele repete como se falasse com um amigo, ou mais, com a mulher amada.

Nossa Escola de Samba mostra a favela que vive em função do carnaval. Não é verdade, como afirma o *China*, que a escola é o segundo lar de todos no morro. Não, a escola é o primeiro lar. É em função dela que durante muito tempo todos vivem e trabalham e é certamente porque ela existe que todos no morro suportam viver e trabalhar.

A favela, o cangaço e o futebol. A maneira de viver da sociedade que produziu o futebol, as escolas de samba e o cangaço, as relações entre os seus indivíduos estão apresentadas em *Viramundo*. Em especial numa impressionante seqüência onde um padre, um bispo e um pastor em praça pública prometem cura a uma multidão de pessoas doentes. Entre crises históricas da multidão, entre os apelos conformistas do padre: "Deus gosta de gente obediente", os gritos do pastor para a multidão confundem-se com os célebres gritos do Chacrinha nos seus programas de calouros: "Palmas para Jesus", ele apela para a multidão no mesmo tom com que o Chacrinha pede aplausos para um calouro: "Palmas para ele que ele merece." Diante das cenas de *Viramundo*, o cangaço, a favela e as peladas se explicam.

Suas entrevistas se ligam por um fio fino e difícil de manter: *Viramundo* se abre com a chegada de nordestinos a São Paulo em busca de trabalho e procura saber por que deixaram a roça e vieram para a cidade. Num segundo movimento, aproxima-se das possibilidades de emprego que se apresentam para os trabalhadores não especializados, freqüentemente analfabetos, e acompanha os nordestinos até que se desfaça a ilusão de felicidade, no Sul, e a vontade de voltar para o Norte apareça. Mostra então o remédio das grandes cidades ao desemprego e à miséria: a caridade e a fuga pelo fanatismo. Dos *slogans* do exército da salvação — aqueça a panela de um pobre neste Natal — passa às pregações religiosas, aos centros espíritas, colhendo depoimentos esplêndidos; a caridade e os milagres religiosos prometem tudo: empregos, solução para brigas caseiras, curas de doenças, paz. Para isto é preciso apenas ser obediente, não se rebelar: "Deus gosta de gente obediente", afirma o padre, que daí a instantes sacode violentamente uma moça pelos cabelos para que o espírito do diabo dela se afaste.

Nossa Escola de Samba é uma exposição linear e didática da preparação de um carnaval. *Memória do Cangaço*, um levantamento das razões do cangaço e *Os Subterrâneos do Futebol*, uma denúncia do fanatismo do futebol e uma pergunta incômoda: quem lucra com tudo isto? *Viramundo* escolheu um caminho mais difícil: a partir da fuga dos nordestinos para São Paulo procura associar uma série de acontecimentos independentes entre si mas presos a um só problema: as relações entre as grandes riquezas e as grandes pobreza que convivem no Brasil. E, ao acompanhar o triste roteiro do homem que foge do campo para procurar emprego na cidade, mostra a organização social e as relações de trabalho que tornam possíveis a existência das favelas com suas escolas de samba, do fanatismo pelo futebol, da reação pelo cangaço.